HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 5 · NÚMERO 36 · AGOSTO 2026

## Editorial

— António Braz
*Presidente do Conselho Executivo USG*

Agosto chega com um ritmo diferente. Os dias parecem mais longos, as rotinas abrandam e há tempo para descansar, para estar com a família, reencontrar amigos e simplesmente desfrutar das pequenas coisas que, tantas vezes, durante o ano, passam despercebidas. Mas parar não significa ficar parado. Também este pode ser um tempo de reflexão, de memórias e de novos sonhos. Um momento para olhar para o caminho percorrido, valorizar tudo aquilo que aprendemos e partilhámos e, sobretudo, pensar naquilo que ainda queremos viver. É precisamente essa vontade de continuar que dá sentido à Universidade Sénior. Porque aprender não tem idade, fazer novas amizades não tem idade, participar não tem idade e, acima de tudo, sonhar também não. Que este mês seja, por isso, vivido com tranquilidade, alegria e muitos bons momentos. Aproveitem o verão, cuidem de vocês, estejam perto de quem vos faz bem e guardem novas memórias. Em setembro, voltaremos a encontrar-nos com a mesma vontade de aprender, participar e, sobretudo, viver plenamente cada etapa da nossa vida. Porque na Universidade Sénior acreditamos que o melhor da idade não é aquilo que já vivemos — é tudo aquilo que ainda podemos viver.

Um excelente mês de agosto e boas férias a todos!

## 100 Artistas — uma exposição, muitas formas de sentir e criar

— José Couto Inácio

Mais uma edição da exposição "100 Artistas", na Sala d'Ouro do Multiusos de Gondomar, de 25 de julho a 29 de agosto de 2026.

Esta exposição coletiva de arte reúne, num só espaço, várias exposições distintas. São diferentes artistas, diferentes linguagens, diferentes sensibilidades e diferentes formas de olhar o mundo. Cada obra permite olhar, desfrutar e conectar com o espírito de quem a criou, procurando captar a essência da sua mensagem.

Como refere Clara Belén Gómez, Historiadora del Arte, no texto que acompanha o catálogo, "reunir mais de uma centena de criadores é, afinal, reunir cem formas de interpretar, sentir e compreender a realidade. Algumas obras poderão permanecer mais tempo na nossa memória, enquanto outras se diluirão com o passar do tempo. Mas cada uma deixa, à sua maneira, uma marca naquele que a contempla.

É também essa diversidade que torna esta exposição tão especial:

diferentes artistas, diferentes percursos e diferentes maneiras de expressar aquilo que sentem."

**A presença da Universidade Sénior de Gondomar**

É com particular satisfação que vejo nesta exposição a presença de alunos da Universidade Sénior de Gondomar. Somos três alunos da USG a participar neste evento, levando connosco não apenas as nossas obras, mas também um pouco do percurso de aprendizagem e descoberta que temos vindo a fazer.

Fernando Campos, artista plástico, explora a arte com uma abordagem investigativa. A sua prática convida o espetador a sentir mais do que compreender. Apresenta nesta exposição uma obra: Nevoeiro e a Cidade.

Irene Alvarenga, após a reforma, encontrou finalmente o tempo necessário para se dedicar à pintura, área pela qual sempre manifestou grande admiração. Frequenta atualmente a disciplina de Artes Plásticas na USG, onde tem vindo a desenvolver o seu percurso artístico e a aprofundar técnicas de expressão visual. Apresenta duas obras: Mulher Só e Terrina de Fruta.

E também eu, José Couto, participo nesta exposição com duas obras: Portugal em Mim e Rosa Silvestre.

Há três anos iniciei o meu percurso na arte, movido pela curiosidade e pela vontade de descobrir novas formas de expressão. Entrei na Universidade Sénior aos 60 anos e, hoje, aos 63, encontro-me ainda numa fase de aprendizagem e experimentação, explorando diferentes técnicas, materiais e linguagens visuais.

Cada obra representa para mim um processo de descoberta, liberdade criativa e evolução pessoal.

**Uma professora que fez a diferença**

Neste percurso, existe uma pessoa que não poderia deixar de mencionar: a professora Laura Carvalho.

Além de também participar nesta exposição, foi para mim, e acredito que para muitos de nós, uma verdadeira força motivadora. Desde o primeiro ano, os seus ensinamentos, a sua dedicação e a sua capacidade de nos incentivar foram fundamentais para que ganhássemos confiança e vontade de experimentar. Foi com a sua orientação e motivação que fomos descobrindo novas possibilidades e percebendo que a criatividade não tem idade.

Grande parte das obras que agora apresentamos foi realizada nas instalações da própria Universidade Sénior de Gondomar. Foi ali que aprendemos, experimentámos técnicas, errámos, corrigimos, tentámos novamente e, pouco a pouco, fomos dando forma às nossas ideias.

Por isso, esta participação no "100 Artistas" representa para mim muito mais do que simplesmente estar presente numa exposição. Representa o resultado de três anos de aprendizagem, dedicação e descoberta.

**Nunca é tarde para começar.**

Quando entrei na Universidade Sénior de Gondomar, aos 60 anos, não imaginava que três anos depois estaria a participar numa exposição coletiva com obras da minha autoria.

Esta experiência ensinou-me que nunca devemos pensar que determinada idade é demasiado avançada para começar algo novo. Podemos descobrir capacidades que estavam adormecidas, experimentar caminhos que nunca tínhamos imaginado e encontrar, na arte, uma forma de expressão e realização pessoal.

É também por isso que considero importante que iniciativas como esta sejam divulgadas e valorizadas. Quando três alunos da Universidade Sénior de Gondomar têm a oportunidade de expor as suas obras num evento desta dimensão, há ali uma história que merece ser contada. Não apenas pela exposição em si, mas pelo percurso que está por detrás de cada obra.

Fernando, Irene e eu somos três exemplos de que aprender não tem idade. E, neste caminho, tivemos a sorte de contar com uma professora que acreditou em nós e nos motivou a ir mais longe.

A arte permite-nos olhar para o mundo de muitas maneiras. E, talvez mais importante ainda, permite-nos descobrir uma nova maneira de olhar para nós próprios.

Viva a Arte, viva a Criatividade e viva a Universidade Sénior de Gondomar!

## O Status de uma Embaixadora

— Etelvina Sousa Ferreira

Há hotéis onde as estrelas se contam à entrada e outros onde se contam pelas histórias que ficam depois de os hóspedes partirem. Este era daqueles que já não precisava de provar coisa alguma: cinco estrelas à vista, oficialmente, uma sexta na apreciação de quem o frequentava. Entrada imponente, flores frescas todas as manhãs, silêncio nos corredores, uma piscina exterior e outros luxos que faziam jus às suas estrelas.

Foi precisamente junto dessa piscina que começou a história da senhora embaixadora.

Chegou numa manhã luminosa, acompanhada por uma pessoa da comitiva. Trazia a autoridade de quem estava habituada a ser reconhecida antes mesmo de dizer o nome. Cumprimentou o rececionista com um aceno breve, examinou o espaço e, depois de uma pausa calculada, fez o primeiro pedido:

— Gostaria de utilizar uma zona reservada da piscina.

O homem sorriu, profissional.

— Naturalmente. Podemos colocar-lhe uma espreguiçadeira numa área mais tranquila.

A senhora não pareceu satisfeita.

— Não me fiz entender. Quero uma zona separada fisicamente.

Houve um pequeno silêncio.

O hotel podia proporcionar quase tudo. Uma mesa diferente, um quarto diferente, um menu fora de horas, flores de determinada espécie, até uma mudança de temperatura no quarto à vontade do hóspede. Mas construir uma fronteira à volta de uma parte da piscina era outra coisa.

Ainda assim, lá se arranjou uma solução discreta. Alguns biombos foram colocados de modo a criar uma espécie de território privado, suficientemente elegante para não parecer uma barreira e suficientemente evidente para cumprir a exigência.

A embaixadora instalou-se e durante algum tempo tudo pareceu resolvido.

Até aparecer o senhor A. Era um hóspede habitual. Tão habitual que os empregados já sabiam como tomava o pequeno-almoço e qual era a mesa onde gostava de se sentar. Homem de idade avançada, chegava quase sempre sozinho, com um livro debaixo do braço e o passo vagaroso de quem não tinha qualquer necessidade de correr atrás do tempo. Cumprimentava toda a gente, distribuía sorrisos como quem distribui flores, sempre amável e respeitoso.

Naquela manhã, como tantas outras, escolheu uma espreguiçadeira junto à piscina. Abriu o livro e ficou simplesmente ali, ao sol. Não falou com a embaixadora. Não olhou para ela. Não se aproximou da sua zona reservada. Mas, ao fim de alguns minutos, surgiu um funcionário.

— Senhor A., desculpe incomodá-lo. Seria possível mudar-se para outra zona da piscina?

O homem levantou os olhos do livro.

— Porquê?

O funcionário hesitou.

— É um pedido da senhora embaixadora.

O velho fechou o livro devagar.

— Fiz alguma coisa errada?

— Não, senhor.

— Incomodei alguém?

— Tanto quanto sei, não.

O senhor A. voltou a abrir o livro.

— Então continuo aqui.

Pouco depois, a questão chegou à direção. A embaixadora estava indignada.

— Não admito que aquele homem permaneça neste hotel.

— Posso perguntar qual foi o problema, senhora embaixadora?

Ela olhou para o diretor como se a pergunta fosse, em si mesma, uma falta de consideração.

— A presença dele.

O diretor ficou em silêncio.

— A presença dele? — repetiu.

— Sim. Não gosto da aparência daquele homem. É desagradável. Não quero estar junto dele.

Talvez tenha sido nesse instante que a história mudou de rumo.

O diretor conhecia bem o senhor A. Sabia que era um cliente antigo, educado, discreto e absolutamente inofensivo. Mas também sabia que tinha diante de si uma representante diplomática, uma hóspede de enorme importância e, sobretudo, uma situação em que o luxo podia facilmente transformar-se em servilismo.

— Senhora embaixadora — disse finalmente —, podemos garantir-lhe privacidade, conforto e tranquilidade. Não podemos, contudo, expulsar um hóspede porque a sua aparência lhe desagrada.

A mulher ficou imóvel.

— Sabe quem eu sou?

— Sei perfeitamente.

— E sabe as consequências que isto pode ter?

O diretor sorriu, desta vez sem qualquer traço de submissão.

— Sei também quem é o senhor A. É nosso hóspede há muitos anos. E enquanto respeitar as regras do hotel, tem exatamente os mesmos direitos que qualquer outro hóspede.

Seguiu-se um silêncio ensurdecedor. A embaixadora levantou-se e disse:

— Então quero falar com o responsável máximo.

— Está a falar com ele.

Ela esperou talvez que o homem recuasse. Que pedisse desculpa. Que encon-trasse uma solução intermédia. Que mandasse o velho embora pela porta das traseiras, como se a dignidade de um cliente pudesse ser arrumada juntamente com a roupa suja. Não aconteceu.

O diretor respirou fundo.

— Senhora embaixadora, lamento,

mas neste hotel há uma regra que não está escrita no regulamento: ninguém é superior aos outros hóspedes. Por isso, creio que o melhor será terminarmos aqui a sua estadia.

A expressão da mulher mudou.

— Está a expulsar-me?

— Estou a pedir-lhe que deixe o hotel.

O senhor A., entretanto, continuava junto à piscina, alheio à pequena batalha diplomática que decorria a poucos metros.

Quando tudo terminou, o diretor aproximou-se dele.

— Peço desculpa pelo incómodo, senhor A.

O velho tirou os óculos e olhou para o diretor.

— Incómodo? Qual incómodo?

— A senhora que estava aqui...

O homem encolheu os ombros.

— Ah. A senhora dos biombos.

O diretor não conseguiu evitar um sorriso.

— Essa mesma.

O senhor A. abriu novamente o livro.

— Há pessoas que precisam de paredes para se sentirem importantes.

Fez uma pausa.

— Eu cá só preciso de uma boa cadeira.

E voltou à leitura.

## Zé Tó e Luisinha

— Artur Sousa

Zé Tó e Luisinha conheciam-se desde que tinham adquirido a percepção do mundo. Ainda não tinham sido tomados pela sua condição de natureza e o destino comum ia desenhando o caminho a calcorrear de par em par. A meninice deu lugar à adolescência e num pulo à idade da responsabilidade e da descoberta do mundo.

Sempre juntos aquelas duas almas!

Um certo dia Zé Tó encheu-se de coragem, e sorrateiramente coloca um envelope na bolsa de Luisinha. Lá dentro na enorme folha em branco apenas uma frase - Queres ver o pôr do sol comigo, olhos de mar?

Quando a necessidade assim o ditou, Luisinha ao ver aquele envelope sorriu, como que sabendo já quem era o remetente.

Num comportamento feminino em voga à época, só horas mais tarde e no recato do seu quarto abriu a carta. Sorriu e veio-lhe à ideia: Palerma, não assinou.

A noite deu lugar ao dia. Zé Tó não pregou olho tal a ansiedade na resposta a acontecer a qualquer momento. Já então partilhavam o mesmo transporte público nas deslocações diárias, ele para a fábrica, ela para a Caixa de Previdência, locais da labuta diária ali para as bandas da Rua de Santa Catarina, na Invicta Cidade. No trólei carro, subiram ao segundo andar onde a permanência de menos passageiros lhes granjeava um pouco mais da ambicionada privacidade.

Na época o contacto das moças e dos moços, quando vistos a sós, tinha sempre uma carga pecaminosa, quase proibida.

A resposta de Luisinha ao pedido de namoro já a adivinhamos, mesmo na ausência de remetente. Era fácil muito fácil saber quem ele era.

Namoraram na forma pública e privada com autorização de ambos os progenitores durante 669 dias. — Aqui o redondo 69 é apenas pura coincidência. Eis que chega o grande dia, domingo, 15 de Agosto do ano de 1972, em que foi oficializado, conforme os preceitos civil e religioso, o novo estatuto legal e moral de ambos, numa cerimónia na Igreja de São Cosme de Gondomar, presidida pelo Padre António, investido pelo poder da Santa Madre Igreja de Roma e pelo Estado Português.

Finda a mesma, à luz da época, seguiram para o copo de água a ser servido no afamado restaurante Ribeiro na cidade do Porto. Naquele tempo a moda dos casamentos " à cigano" era ainda um exclusivo da comunidade, hábito que se haveria de generalizar na primeira década do século XXI por toda a Ocidental Praia.

Findo o singelo repasto aproximava-se a grande noite a ter enlace na cidade de Coimbra, no Astória Hotel, previamente contactado pelo noivo para a respetiva reserva de quarto.

Aqui e agora é preciso lembrar que, à luz da moral da época, Luisinha reservara a sua pureza para aquele dia. Quanto a Zé Tó restavam dúvidas.

Uns tempos atrás tinha sido desafiado a visitar a Rosete, dona de estabelecimento que fazia a delícia dos machos da Invicta e arredores e que anos mais tarde seria celebrado numa música tocada e cantada por irreverentes jovens adultos, mas daí restava a dúvida, nunca confirmada ou desmentida pelo jovem desenhador.

Eram umas três horas dessa bela tarde de domingo, Luisinha e Zé Tó iniciaram a longa viagem até Coimbra. O velho carocha emprestado pelo pai do noivo, à custa galgava os quilómetros da velhinha estrada nacional n°1, a passar por todas as vilas e cidades até bordejar a cidade dos estudantes.

Em São João da Madeira mesmo em frente à afamada fábrica da Oliva, então presença em todos os lares da Ocidental Praia nas célebres máquinas de costura, eis que a patrulha da Polícia de Viação e Trânsito dá ordem de paragem.

— Documentos (Nem um boa tarde).

A coisa iria correr mal. Assim foi. Zé Tó, encartado havia poucos meses, tinha a obrigatoriedade de usar o "ovo estrelado" na traseira do carro. Na ausência deste, lá saíram da carteira 50 paus (escudos) e uma reprimenda.

Já em Coimbra, estacionada a viatura, com o nervosismo a apoderar-se do casal, dirigiram-se ao hotel. — Apesar do estado legal e moral conforme a lei e os costumes, aquela estadia no hotel aportava neles uma percepção a imoralidade, a pecado.

— Boa tarde. Tenho um quarto reservado.

— Nome e licença.

Simples, incisivo, bruto!

(Aqui um esclarecimento: Teria de haver lugar à licença obrigatória para que um casal pudesse permanecer num quarto de hotel sendo esta passada por um padre. De ora em diante designarei a tal licença por Livrete. Afinal não se trata do mesmo documento que atesta a posse e a autorização para o uso de uma coisa móvel.)

Voltemos à nossa história.

Aquele homem investido de recepcionista parecia um agente da PIDE, numa sala de interrogatório no malfadado palacete a marcar número de porta no início da rua do Heroísmo, na cidade do Porto.

A tremer por todo o corpo, Zé Tó tateou cada centímetro da sua roupa e nada. Ao tempo, como já foi referido anteriormente, a estadia de um casal num hotel obedecia à apresentação de uma certidão emitida pelo pároco a atestar a moralidade da permanência, o Livrete, tal como para as bicicletas, motocicletas, carros de bois e demais viaturas a motor.

Os minutos passavam. Luisinha tremia de medo (talvez) de incómodo. Na cabeça dela não passava a aflição da ausência do livrete, era mais a vergonha ao imaginar o que a antipática figura poderia pensar sobre o que iria acontecer naquele quarto. Luisinha iria ser para todo o sempre uma mulher.

Zé Tó alegou, provavelmente, ter deixado o livrete em casa. Prontificou-se a telefonar para o Padre António, amigo dos pais.

O recepcionista, afirmativo e insensível insistia:

— Sem livrete não há quarto!

No infortúnio, no desalento, pegaram nas malas e rumaram ao carro. A tão ansiada e desejada noite não iria acontecer na forma tantas vezes sonhada e imaginada.

O irrequieto Zé Tó, matutou... matutou... mirando a outra margem do Mondego.

De repente disse: — Eureka!

Anos mais tarde, na Livraria Latina, Luisinha apresentou o seu primeiro romance. Sempre tinha sido acompanhada por aquela vontade de escrever o que via, ouvia e sentia. E o que ela tinha sentido estava lá, preto no branco:

"Num fim de tarde de domingo dois corpos amaram-se como nunca o tinham feito, naquele exíguo espaço de um Volkswagen, com o Mondego por companhia.

Enfim, naquela suíte de momento descobriram a natureza dos corpos e das almas."

## Bibliotecas - como templos sagrados, abrigam todas as memórias do mundo

— João Paulo Pinto

Imagino que as bibliotecas sejam encantadoras até para aqueles que não apreciam a leitura. Por mais simples e pequenas que possam parecer, não adianta, todas elas têm o seu charme, e, claro, o seu cheiro muito próprio. Talvez eu me lembre menos da arquitetura e da dimensão das bibliotecas que já visitei, e bem mais do cheiro, sabem, aquele cheiro de papel acumulado, das prateleiras empoeiradas, dos volumes ali envelhecidos, do peso da história e da tradição. São lugares, por natureza, sagrados, porque acolhem de bom grado preocupações, fantasias e dores humanas.

Também são lugares antiquíssimos, que respondem bem às urgências dos povos e suas culturas: provocam recolhimento, instigam a criatividade, reúnem estudiosos, curiosos e diletantes, promovem encontros fortuitos e intensos, entre os vivos e os mortos.

Desde quando existem, afinal, o que chamamos de páginas de pedra?

"Como templos erguidos para a eternidade, as bibliotecas acolhem todas as vozes do tempo - ecos de civilizações, segredos de eras, sonhos que repousam entre páginas à espera de serem despertados."

De posse desta informação, passei a ficar ainda mais curioso a respeito da história desses monumentos arquitetónicos e culturais imprescindíveis à nossa existência (por mais que haja milhares de pessoas que não tenham essa perceção e que provavelmente jamais tenham entrado numa biblioteca).

Onde fica, aliás, a maior biblioteca do mundo? Nos Estados Unidos, em Washington. A Biblioteca do Congresso (Library of Congress) é a maior em espaço físico e em quantidade de obras no acervo, tendo cerca de 155 milhões de exemplares em mais de 400 idiomas distintos. Uma biblioteca e tanto, esplêndida, imponente!

Porém, a maior biblioteca particular não está na América, e sim em Poona, na Índia. Trata-se da coleção de Osho, líder espiritual indiano falecido em 1990, com cerca de 100 mil volumes. A sua biblioteca de Lao Tzu ocupa uma série de corredores na sua antiga residência - e eu, vejam só, que pensava que o acervo monumental de 30 mil obras do autor italiano Umberto Eco, já fosse uma tara intelectual das mais escandalosas.

Em sentido oposto, qual é a menor biblioteca pública do mundo?

Pequenina mesmo. Uma pequena estrutura amarela instalada em Nova York permite que apenas uma única

pessoa ali entre para retirar ou deixar um livro. Com jeitinho, talvez caibam duas pessoas, e no máximo 40 livros em sua estante. A Little Free Library foi montada com resíduos reciclados, assemelha-se a uma cabine telefónica que se destaca por seu amarelo chamativo, resistindo às intervenções climáticas.

Será, então, que o espaço físico realmente importa para a criação e a preservação de uma biblioteca? Porque elas nascem espontaneamente nalgumas prateleiras que temos em nossas casas, ou em cantinhos de praças, comércios e cafeterias, em esquemas colaborativos de leve-um-traga-um, e, de repente, muito vivas, exigem mais acomodações, em escrivaninhas e mochilas, vitrinas protegidas por vidros duplos e cadeados, ou sobre os tapetes do escritório de um poeta um tanto atormentado.

As nossas casas possuem bibliotecas, grandes ou pequenas, e as nossas casas inteiras são a biblioteca, muitas das vezes (tais como as residências de escritores renomados da nossa literatura, agora abertas a visitas). Ou, projetadas para grandes públicos como polos turístico-culturais, são as bibliotecas que se tornam a nossa casa.

Assim, tenho na vida colecionado bibliotecas. Desde as minhas bibliotecas de infância, os alfarrabistas, para onde corria todas as semanas, até às inúmeras bibliotecas, onde me encontrei sentimentalmente, somando aquelas das muitas viagens que fiz, aqui e lá. São um pouco minhas essas bibliotecas, assim como vocês têm as suas. Todos, acho, deveríamos colecionar bibliotecas. Estar dentro delas, senti-las, cheirá-las.

Porque esse cheiro, para quem ama livros como nós, não nos abandona nunca. Ele fica, persiste. Protege-nos contra a aspereza de uma vida sem alma e sem cultura.

Ótima leitura para vocês, e até a próxima!

## O Rio

— Milú Almeida

O rio serpenteava, calmamente, por entre as terras que em si vinham buscar frescura e alimento. Parecia conhecer desde sempre o caminho que lhe pertencia.

Separava ou unia, conforme o ponto de vista, duas aldeias transmontanas que nesta época está dotada de gente gasta e casas a cair de velhas.

Na época de Verão, com as temperaturas altas, dava para ser atravessado a pé e com segurança. Já no Inverno, teria, talvez, três ou quatro metros que inspiravam cuidado, mas também estava tão gelado que não devia ter visitas e muito menos heroicas.

As suas águas eram transparentes. Com pouco altura, dava para se ver o chão do leito e nele os seixos polidos pelo tempo e pelas correntes geladas dos invernos, uns maiores, outros mais pequenos – as pedrinhas – e a areia limpa dum dourado salpicado de outras cores e brilhos. Parecia um espelho vivo!

De quando em quando um pequeno desnivelamento do terreno, que mais parecia um degrau, fazia borbulhar a água que, ainda assim, se mantinha límpida.

Junto dele, o ar tornava-se leve e limpo, como se fosse o tempo todo lavado pela humidade mansa das águas.

Há muitos anos atrás, quando a aldeia ainda tinha crianças, escola e correios, o rio era muito procurado pelos visitantes e os emigrantes das duas aldeias.

Nas margens, os mais velhos estendiam toalhas de modo a apanhar sol ou, então, para se deliciarem com um bom repasto capaz de se esticar até que o sol ameaçava deitar-se.

As crianças, aproveitavam para andar e brincar na beleza das águas calmas que as acolhia como se guardassem dentro de si a inocência do mundo.

Chegava a haver "malta nova" que acampava por ali, pela sensação de liberdade e quietude que o rio transmitia. Diziam que ali sentiam que o tempo abrandava, que as inquietações se calavam, e que bastava escutar o correr da água para sentirem uma paz profunda e uma alegria renovada que lhes dava força para o resto do ano.

## Uma história por detrás do quadro: “Mulher só” de Irene Alvarenga – quando o silêncio ganha cores

— José Couto Inácio

A tela “Mulher Só”, de Irene Alvarenga, é uma obra que não precisa de palavras para contar uma história. No primeiro olhar percebemos que estamos perante uma mulher, mas falta o rosto para a reconhecer.

É aqui que começa a história. O corpo no centro da tela, despido sem vergonha nem submissão. Uma mulher que deixou para trás o mundo exterior e está consigo própria. Ao seu redor, um fundo negro envolve o seu corpo, que tanto pode representar solidão, como refúgio. Mas o negro não ofusca as cores, azuis, verdes, amarelas, vermelhas e laranjas que percorrem toda a imagem. Estas carregam os caminhos emocionais que não cabem em palavras.

O título da obra pode levar o espectador a pensar em tristeza. Mas ao olhar atenciosamente para a pintura, descubro que afinal estar só não é estar abandonada. Cada um de nós tem necessidade de estar só para poder ouvir a sua própria voz.

Não tem rosto, mas a sua expressão está espalhada pelo corpo.

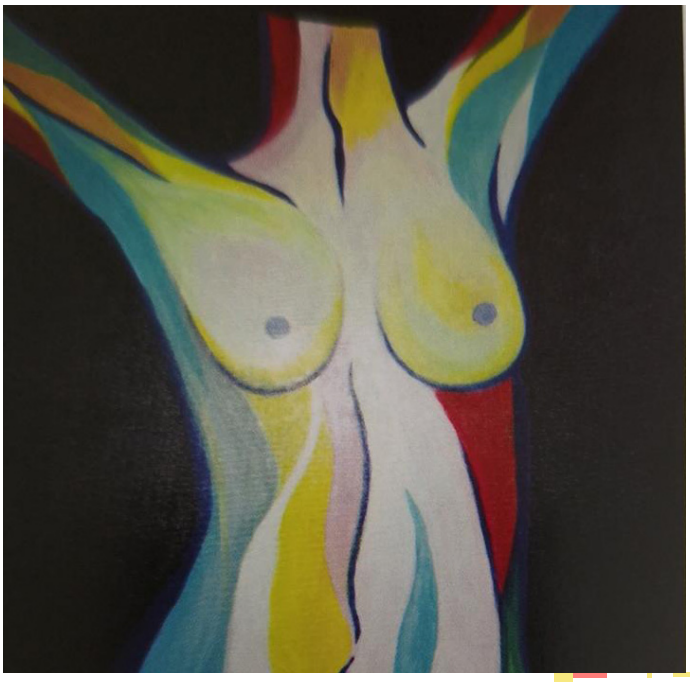
Não tem olhos, mas sentimos que nos observa.

Mulher sem nome, sem idade, sem história que se veja. Será que passou a vida a cuidar dos outros e se esqueceu de si?

Aquela que sofreu, que perdeu, que recomeçou ou descobriu que solidão também é lugar de liberdade.

As cores envolvem o corpo e observo que apesar da escuridão do fundo negro ainda existe luz.

Concluindo: mesmo quando a vida nos coloca diante do silêncio, haverá sempre dentro de nós uma cor que resiste.



## Sabor a Sol

— Milú Almeida

Até onde chega a altura do sol?
E o meu verso apaixonado?
E onde pousam os pássaros
na imensidão dos sonhos?
Há frutos maduros com sabor a sol …
As bocas fervilham
calando as pedras da rua
para irmos mais longe,
mesmo que haja nevoeiro
a estragar o caminho.
Há cenários ladinos com sabor a sol …
As ruas ondulam
numa coreografia nova
e o silêncio escreve,
a preceito, ao momento
que chega a falar estrangeiro.
Há andorinhas com sabor a sol …
Pousadas combinam
ler as frases da rua
e ver manjares de elite,
mesmo que haja dons secretos
no farol dos aflitos.
Há versos bonitos com sabor a sol …
Os dias grandes convidam
a pés descalços na areia
chegada que é a tarde,
mesmo que no mar haja golfinhos
e na toalha haja desgostos.
O campanário geme
A tempestade passa
E o sonho comanda a vida …
com sabor a sol …

## No Dia do Eclipse

— Etelvina Sousa Ferreira

A lua beijou o sol,
numa tarde de encantar;
ficou o céu todo escuro
só para os ver namorar.

A lua, toda vaidosa,
pôs o sol na escuridão;
ele, de tanta vergonha,
escondeu o coração.

Foi um beijo tão ligeiro,
que ninguém o viu chegar;
mas deixou no céu inteiro
a vontade de sonhar.

Diz o povo que foi beijo,
diz o céu que foi paixão;
eu cá digo que foi sonho
feito luz na escuridão.

Quando a lua se afastou,
voltou o dia a nascer;
mas o sol nunca esqueceu
quem o fez escurecer.

Dizem que foi um eclipse,
eu não sei se foi ou não;
talvez fosse só a lua
a roubar-lhe o coração.

E se o amor fosse assim,
sem promessa nem razão:
um instante em que dois astros
se encontram na solidão?

"Une Éclipse conjugale", 1844 ; Autor Grandville ; Ilustração do XV Capítulo "Pérégrinations d'une cométe" do livro "Un Autre Monde"